

# O Estado suicidário brasileiro se revela diante da pandemia da COVID-19

Willian Silva de Oliveira Alves

O vírus Sars-Cov-2 (Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2) teve sua origem em 2019 na cidade de Wuhan (província de Hubei, na China), gerando a doença COVID-19. Desde então a COVID-19 espalhou-se pelo mundo, sendo classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, como uma pandemia (WHO, 2020). Os efeitos colaterais da COVID-19 ultrapassaram fronteiras e atingiram diversos setores que compõem a estrutura dos Estados, como áreas sanitárias, econômicas, políticas e sociais.

Entretanto, Jair Bolsonaro (Brasil) se encaixa em um grupo, ao lado dos déspotas Alexander Lukashenko (Bielo-Rússia) e Gurbanguly Berdymukhamedov (Turcomenistão) e de Daniel Ortega (Nicarágua), de governantes que se posicionam contrários às recomendações sanitárias da OMS, minimizando, em suas ações e discursos políticos, a gravidade da COVID-19 (THE ECONOMIST, 2020).

A fim de desenvolver esta análise, o texto será dividido em três partes. A primeira se debruça sobre o conceito teórico de Estados suicidários; a segunda procura estabelecer correlações entre a atual política governamental brasileira e o conceito citado previamente; por fim, a terceira traz reflexões acerca da atuação de Jair Bolsonaro como agente do Estado suicidário.

## Estados suicidários

O conceito de Estados suicidários foi desenvolvido pelo filósofo francês Paul Virilio (1932-2018). Segundo Virilio (1993), o Estado suicidário é a característica final, e o inevitável desfecho, de todos os Estados que têm o desenvolvimento técnico e o progresso econômico como elementos principais de sua existência (em detrimento de outros aspectos que compõem a sociedade). Este é suicida na medida em que exaure seus próprios recursos naturais e humanos, reproduzindo a lógica da busca infindável do aumento da produção e do consumo para atender a uma estrutura de mercado econômica neoliberal. Dessa forma, o Estado suicidário é “um novo estágio do Estado nos moldes de gestão imanentes ao neoliberalismo. É, portanto, sua fase terminal” (SAFATLE, 2020).

Para Virilio (1993), o conceito de Estado suicida/sucidário não foi criado para caracterizar, especificamente, Estados fascistas (entretanto, o nazifascismo se apresentou como a manifestação máxima de um Estado suicida). Dito isto, é importante ressaltar que há intrínsecas correlações entre os Estados fascistas do século XX e o Estado suicidário: Aqui, podemos associar o próprio conceito de Estado suicidário à característica de regimes fascistas que se remetem ao heroísmo e ao culto da [própria] morte. No fascismo, essa aproximação com seu próprio fim relaciona-se ao indivíduo (ego), e no Estado suicidário ao próprio corpo estatal (FOUCAULT, 1976).

### O Estado suicidário brasileiro flerta com sua própria catástrofe: a COVID-19

A pandemia da COVID-19 escancarou o atual viés fascista do Estado brasileiro. Agora, ele se encontra além da “mera” agência necropolítica – política da morte adaptada pelo Estado, onde este detém o poder de decisão sobre quem deve viver e quem deve morrer – do Estado como gestor da morte e do desaparecimento de corpos (SAFATLE, 2020). O Estado brasileiro não é apenas o emissário da morte de parcelas da população, mas é também o ator que administra sua própria catástrofe. Como afirma Safatle:

“O fascismo brasileiro, em seu nome Bolsonaro, encontrou uma catástrofe para chamar de sua. Ela veio sob a forma de uma pandemia, que exigiria da vontade soberana a construção de uma ação coletiva e de uma solidariedade genérica que não deixasse corpos sacrificados pelo caminho. “[...] não se trata de um estado autoritário clássico que usa da violência para destruir inimigos. Trata-se de um estado suicidário de tipo fascista que só encontra sua força quando testa sua vontade diante do fim.” (SAFATLE, 2020)

O enfrentamento da COVID-19 exige ação estratégica e racional por parte dos governantes. Contudo, diante da possibilidade de se submeter à uma exigência de autopreservação, evitando a construção de narrativas contra inimigos imaginários e ações demagógicas, Bolsonaro (sem partido) preferiu direcionar sua autoridade governamental para gerir a locomotiva brasileira rumo ao flerte com a morte generalizada, o que se evidencia por meio das constantes desavenças com a mídia e com outros poderes. Bolsonaro foi pivô da demissão do então Ministro da Saúde (Henrique Mandetta), das interferências na autonomia da Justiça através da exoneração do superintendente geral da Polícia Federal (Maurício Valeixo) e posterior saída do Ministro da Justiça e Segurança Pública (Sérgio Moro). Ademais, há recorrentes desinteligências com o Presidente da Câmara dos Deputados do Brasil (Rodrigo Maia - DEM) e o Presidente do Senado Federal do Brasil (Davi Alcolumbre - DEM) (EL PAÍS, 2020).

Mas, por quê Bolsonaro insiste em políticas de negacionismo e de ataques à esmo em plena pandemia? Segundo Hannah Arendt (1975, p. 390) na obra *As Origens do Totalitarismo*, esta é “a essência dos movimentos totalitários, os quais só podem permanecer no poder enquanto estiverem em movimento e transmitirem movimento a tudo que os rodeia”. Bolsonaro, desta forma, não se apresenta preocupado em abrir vias de diálogo e conciliação, mas sim em produzir inimigos que serão, posteriormente, combatidos por ele. Afinal, o objetivo é claro: manter o Estado em permanente estado de tensão belicosa.

Imagem 7 – Bolsonaro reage ao ser perguntado sobre o aumento do número de mortes por COVID-19.

G1

POLÍTICA

## 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'

Nesta terça-feira, Brasil somou 5.017 mortes por covid-19, segundo os números oficiais, e superou o total de mortos da China, país de origem da pandemia de coronavírus.

Por Gustavo Garcia, Pedro Henrique Gomes e Hamanda Viana, G1 — Brasília

28/04/2020 20h31 - Atualizado há 7 minutos



Fonte: Portal G1 (2020)

Como dito na seção anterior, o Estado suicidário brasileiro se baseia na lógica de produção/consumo inerente ao modelo político-econômico neoliberal. Em suma, se ampara na essência de “capitalismo versus escravidão”, no qual a morte [da mão-de-obra] é reduzida a um efeito colateral do funcionamento do sistema e da economia (SAFATLE, 2020). Dessa forma, a lógica colonial se mantém, porém agora aplicada a toda a população: os “senhores de engenho” contemporâneos, chancelados por medidas do governo que incluíam até a possibilidade de suspensão dos salários de seus empregados por até quatro meses, (PIRES, 2020), decidem quem são aqueles pelos quais vale a pena sofrer, e quem são os que não valem o esforço.

Para Junior Durski, dono da rede de restaurantes Madero, o Brasil não pode parar porque “cinco ou sete mil pessoas vão morrer” (PIRES, 2020). Alexandre Guerra, CEO da rede de Giraffas, questionou se “ao invés [do trabalhador] estar com medo de pegar esse vírus, deveria também estar com medo de perder o emprego” (ibid, 2020). O empresário Roberto Justus indagou “o que é morrer de 10 a 15 por cento dos mais velhos se comparado com o estrago na economia?” (ibid., 2020). Chega-se portanto a consagração final dessa lógica: o combate à COVID 19 não é prioridade, afinal o engenho não pode parar.

### **Jair Bolsonaro como agente do Estado suicidário**

Foucault (1976), ao analisar técnicas de governos dos Estados modernos sobre seu corpo populacional, se utiliza do conceito de biopolítica. Nesta, “o biopoder é utilizado [pelo Estado] pela ênfase na proteção de vida, na regulação do corpo, na proteção de outras tecnologias. Os biopoderes se ocuparão então da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade, dos costumes, etc., na medida em que essas se tornaram preocupações políticas.” (FERNANDES; RESMINI, s.d.)

Desta forma, a biopolítica é uma forma de exercer poder sobre os seres humanos para torná-los corpos “dóceis e úteis”, com o objetivo de fazer sua população existir e subsistir sob a tutela do Estado. Em outras palavras, a sociedade “abre mão” de parte de sua liberdade, dando ao Estado o controle sobre setores essenciais à vida, como saúde (controle de pandemias, gestão de sistemas universais de saúde), segurança, etc. Por sua vez o Estado tem o compromisso de manter sua população viva, tendo como objetivo final a preservação de uma sociedade capaz de operar seus sistemas econômico e sociais (FOUCAULT, 1976).

Mas, se o Estado detém o biopoder, ele detém também o direito sobre a vida e a morte de sua população (FOUCAULT, 1976). A pergunta a ser feita é: como o Estado julga quem vive e quem morre? Isto ocorre através do racismo (ibid., 1976). Neste ponto, o conceito de “raça”, não se refere às classificações fisiológicas, como brancos, negros ou judeus . O racismo é utilizado como um mecanismo para gerar uma espécie de separação no domínio da vida, entre quem deve viver e quem deve morrer (ibid., 1976). Desta forma, corpos “indóceis e inúteis” são institucionalmente marginalizados.



Acerca do nazifascismo (e outros movimentos fascistas), Foucault (1976, p. 310) diz que “[na visão fascista] é preciso que se chegue a um ponto tal que a população inteira seja exposta à morte. Apenas essa exposição universal de toda a população à morte poderá efetivamente constituí-la como raça superior e regenerá-la definitivamente perante as raças que tiverem sido totalmente exterminadas ou que serão definitivamente sujeitas”.

Fazendo um paralelo entre as falas do presidente Jair Bolsonaro frente à pandemia da COVID-19, como críticas ao isolamento social recomendado pelas autoridades sanitárias, percebe-se que, na visão deste, os “indóceis” e “inúteis” (idosos, pessoas com comorbidades, trabalhadores informais, moradores de comunidades de baixa renda, etc.) fazem parte dos corpos sociais que podem ser expostos à morte.

Imagem 8 – Charge crítica às ações de Bolsonaro durante a pandemia da COVID-19



Fonte: Portal Dom Total (2020)

## Considerações finais

A saber, no dia 17 de maio de 2020, data do fechamento deste texto, o Brasil registrou 241.080 casos confirmados do novo coronavírus, e 16.118 mortes (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Portanto, é evidente que a pandemia da COVID-19 escancarou o atual viés político do Estado suicidário brasileiro. Ao expor sua população aos riscos imensuráveis da doença, o Estado revela seu prazer libidinoso em flertar com sua própria destruição.

Reduzir a morte de milhares de cidadão à meros efeitos colaterais do funcionamento de um sistema econômico que não pode, em nenhuma hipótese, ter seu ritmo alterado é um ato que tem sido modus operandi do Estado brasileiro. Da mesma forma, ao contribuir para instaurar um ambiente de constante tensão política com os demais órgãos que compõe o poder da República do Brasil, e estimular políticas anticientíficas em relação à pandemia da COVID-19, Jair Bolsonaro esboça um perigoso futuro para sua população.

Por fim é mister ressaltar: governos autoritários tendem a se enfraquecer conforme exaurem suas estruturas internas. E, a história tende a registrar, para o bem e mal, lições a serem aprendidas para o futuro. Quando a crise da pandemia da COVID-19 passar, o Brasil se encontrará com sérias questões sociais, políticas e econômicas a serem postas à luz dos fatos. Por hora, mesmo em meio à pandemia do novo coronavírus, há uma importante reflexão: Estados são transitórios, suas instituições e sua população permanecem.



Anexo A: “Apesar de você” - Chico Buarque (1970)

Hoje é você quem manda	Água nova brotando	Vendo esse dia raiar
Falou, tá falado	E a gente se amando	Sem lhe pedir licença
Não tem discussão	Sem parar	E eu vou morrer de rir
A minha gente hoje anda	Quando chegar o momento	Que esse dia há de vir
Falando de lado	Esse meu sofrimento	Antes do que você pensa
E olhando pro chão, viu	Vou cobrar com juro, juro	Apesar de você
Você que inventou esse Estado	Todo amor reprimido	Amanhã há de ser
E inventou de inventar	Esse grito contudo	Outro dia
Toda a escuridão	Esse samba no escuro	Você vai ter que ver
Você que inventou o pecado	Você que inventou a tristeza	A manhã renascer
Esqueceu-se de inventar	Ora, tenha a fineza	E esbanjar poesia
O perdão	De desinventar	Como vai se explicar
Apesar de você	Você vai pagar é é dobrado	Vendo o céu clarear
Amanhã há de ser	Cada lágrima rolada	De repente, impunemente
Outro dia	Nesse meu penar	Como vai abafar
Eu pergunto a você	Apesar de você	Nosso coro a cantar
Onde vai se esconder	Amanhã há de ser	Na sua frente
Da enorme eu foria	Outro dia	Apesar de você
Como vai proibir	Inda pago pra ver	Amanhã há de ser
Quando o galo insistir	Qual você não queria	Outro dia
Em cantar	Você vai se amargar	Você vai se dar mal
		Etc. e tal

## Referências

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder.** Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1975

BUARQUE, Chico. **Apesar de Você.** São Paulo: Phonogram; PolyGram; Philips, 1970. Compacto simples (3:55min).

DELEUZE, G. ; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia,** vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DomTotal. Mortes por coronavírus. **DomTotal.** 24 abr 2020. [s.n], 2020. Disponível em: <https://domtotal.com/charge/2918/2020/04/mortes-por-coronavirus/>. Acesso em 29 abr 2020.

EL PAÍS. “O presidente queria alguém [na PF] a quem pudesse ligar, colher informações”: as principais frases de Moro. **EL PAÍS.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-24/o-presidente-queria-alguem-na-pf-a-quem-pudesse-ligar-colher-informacoes-as-principais-frases-de-moro.html>. Acesso em 29 abr 2020.

FERNANDES, Daniel. RESMINI, Gabriela. **Biopolítica.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/espaco/biopolitica.html>. Acesso em 29 abr 2020.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France** (1976). Trad. Maria Eermantina, 2005.

G1, Globo. 'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>. Acesso em 29 abr 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel Coronavírus. **Ministério da Saúde**. Disponível em: <https://COVID.saude.gov.br/>. Acesso em 08 mai 2020.

PIRES, Carol. A maior tragédia do coronavírus pode ser nas favelas brasileiras. **The New York Times**. 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/03/31/espanol/opinion/a-maior-tragedia-do-coronavirus-pode-ser-nas-favelas-brasileiras.html>. Acesso em 29 abr 2020.

SAFATLE, V. **Bem-vindo ao Estado suicidário**. N-1 edições. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/004>. Acesso em 29 abr 2020.

THE ECONOMIST. Jair Bolsonaro isolates himself, in the wrong way. **The Economist**. 2020. Disponível em: <https://www.economist.com/the-americas/2020/04/11/jair-bolsonaro-isolates-himself-in-the-wrong-way>. Acesso em: 29 abr 2020.

VIRILIO, P. **El Estado suicida**. In:\_\_\_\_\_. La inseguridad del territorio. Traducção Thierry Jean-Eric Iplicjian e Jorge Manuel Casas. Buenos Aires: La Marca, 1993.

VIRILIO, P. ; LOTRINGER, S. **Guerra pura: a militarização do cotidiano**. Trad. Elza Miné e Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

World Health Organization. Coronavirus disease 2019 (COVID-19) Situation Report – 94. **World Health Organization** [s.n], 2020. Disponível em: [https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200423-sitrep-94-COVID-19.pdf?sfvrsn=b8304bf0\\_4](https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200423-sitrep-94-COVID-19.pdf?sfvrsn=b8304bf0_4). Acesso em 29 abr 2020.